

## O valor de educar — Uma entrevista na RTP2

Fernando Savater, escritor e filósofo espanhol, que escolheu a Ética como disciplina de investigação e ensino, esteve, no início de Outubro, no programa *Por outro lado*, da RTP2. Na entrevista que deu à jornalista Ana Sousa Dias, este professor universitário, título pelo qual prefere ser conhecido, veio reafirmar que, nesta época de grandes inquietudes, educar é, cada vez mais, uma tarefa valiosa e valorosa cujo propósito se deve procurar clarificar:

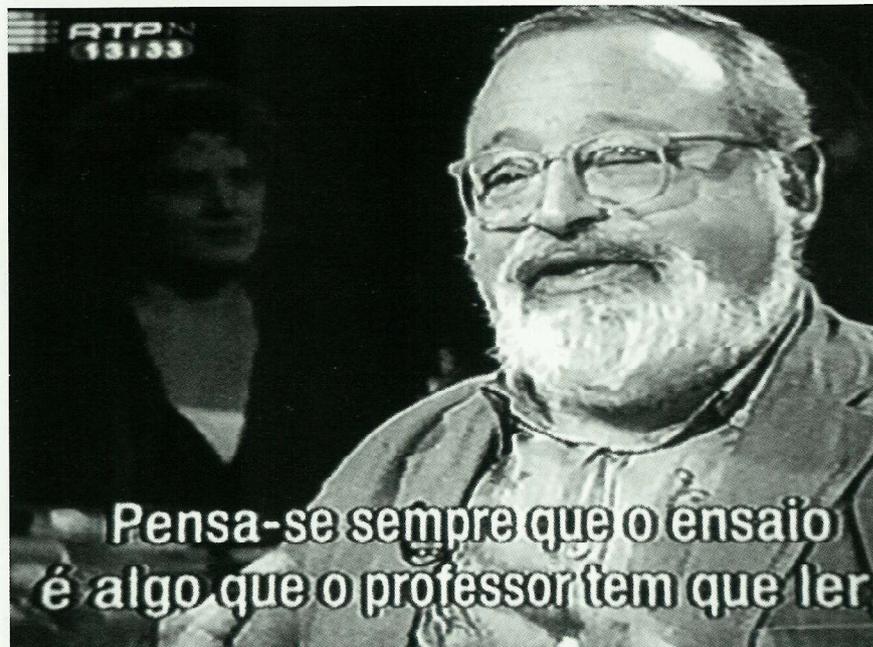
“O que queremos com a educação? Queremos apenas que as crianças aprendam a fazer coisas para ganhar dinheiro e para ganhar a vida, ou queremos formar cidadãos, ou queremos formar seres humanos”.

Fernando Savater veio lembrar que “ninguém nasce humano”, que cabe à “Educação transmitir a humanidade e desenvolver nos outros essa humanidade, [que], naturalmente, isso implica aprender os ofícios e conhecimentos, mas também valores e sentimentos” e que, nessa grandiosa e imensa tarefa, o papel do professor, fundamentalmente, de crianças e jovens, é fulcral e insubstituível.

“[Estes] professores são os mais importantes! A mim chegam-me jovens de 20 e tal. Se não os educaram, já eu não posso educá-los. Posso ajudá-los a desenvolver a sua vocação, mas a educação fundamental, o que é de fundamental na sua vida, ler, escrever, os primeiros conhecimentos e a curiosidade de que falámos, tudo isso tem a ver com os nossos professores primários.”

Considera, pois, paradoxal que esta profissão seja tão desvalorizada, entendendo-se das suas palavras que mal vai a sociedade que desconsidera, desvaloriza, desprestigia os seus professores!

“O professor primário é alguém, na nossa sociedade, sem importância. Tu, por exemplo, que fazes entrevistas, quantos professores primários cá tiveste? Nas televisões vemos catedráticos e senhores que tocam flautá, que dançam. Nunca há um professor primário. Ninguém se interessa, e, não obstante, os nossos filhos, as crianças, o futuro



estão nas suas mãos e ninguém lhes pergunta nada!... Como é possível que se lhes dê tão pouca importância”

Mas este docente da Universidade de Computense veio, da mesma forma, evidenciar também a grande responsabilidade do professor, principalmente das idades mais jovens, chamando à atenção para as graves consequências do ensino que frequentemente se pratica.

“Todos as crianças fazem perguntas. Todos perguntam porque as estrelas não caem, porque os mortos não se mexem. (...). Quando uma criança nos pergunta, está a pedir-nos para lhe darmos o mundo, porque é a forma de se apropriarem do mundo. O mundo são as estrelas e os mares, e os conhecimentos, as condutas e é isso que temos de tentar transmitir: (...)

Eu dou aulas na universidade há cerca de 20 anos. Como passámos dessa criança cheia de curiosidade e desejo de aprender etc. para a pessoa que olha o seu relógio para ir para casa comer? O problema é que, por vezes, somos nós os professores que lhes matamos a curiosidade. A maioria

dos professores das crianças mais pequenas tem o problema de perguntar coisas e não os deixam falar: (...) Dar a resposta antes que a criança faça perguntas, determina-se logo o que pensar.”

Mas, Fernando Savater quis, na entrevista que deu à RTP2, acima de tudo sublinhar que a responsabilidade na educação dos nossos crianças e jovens, futuros cidadãos é, sempre, partilhada. Preocupado com o eclipse da autoridade paternal, com a demissão da família, com os “pais que não querem ser pais”, veio lembrar que sem adultos sentimentalmente implicados no desenvolvimento pessoal e cultural das crianças a sua educação ficará sempre comprometida. Lembrou que somos todos responsáveis pela educação “(d)aqueles em cujas mãos estarão os destinos da comunidade”, reforçando a ideia de um espaço público de educação, no qual as famílias, em primeiro lugar, mas também a sociedade em geral devem assumir as suas próprias responsabilidades.

Fátima Guimarães e Lina Brunheira